

O VÍNCULO AFETIVO NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO DURANTE A SEGUNDA INFÂNCIA¹

AFFECTIONAL BONDS IN THE TEACHER-STUDENT RELATIONSHIP DURING THE SECOND INFANCY

Déborah Jasmine da Silva Dalcol² e Fernanda Pires Jaeger³

RESUMO

O presente artigo aborda o significado do vínculo afetivo na relação professor-aluno, e teve como objetivo realizar um levantamento bibliográfico sobre a importância desse vínculo entre professor e aluno durante a segunda infância, como procurando compreender a relação professor-aluno e a importância da construção vincular para a criança que está nos anos iniciais da educação infantil. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo para uma melhor compreensão acerca do tema. Os autores consultados Almeida (1999), Morales (2006), Evalte (2010) apontam que, especialmente nos primeiros anos escolares, quando as crianças estão em plena fase de adaptação a esse novo contexto, encontra-se na relação professor-aluno a construção de um vínculo afetivo importante. A partir da exploração da temática, percebeu-se que a relação vincular constitui-se de um pilar fundamental para que ocorra um bom desempenho no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: afetividade, aprendizagem, crianças, mediador.

ABSTRACT

This paper discusses the concept of affectional bond in the teacher-student relationship. Therefore, it aimed to review the literature on the importance of establishing such a bond between the teacher and the student during the second childhood. The focus was on the understanding of such a relationship as well as the importance of creating bonds to children in Early Childhood Education. Thus, it was developed a qualitative bibliographic research in order to better understand the subject of study. According to the authors investigated, namely, Almeida (1999), Morales (2006) and Evalte (2010), the teacher-student relationship is very important to the development of a strong affectional bond between them, especially in the early school years when children are in the midst of adapting themselves to this new context. Based on the analysis of the topic, it was concluded that this affectional bond is a cornerstone of a good performance in the learning process.

Keywords: affection, learning, children, mediator.

¹ Pesquisa bibliográfica.

² Acadêmica do Curso de Psicologia - Centro Universitário Franciscano. E-mail: deborahdalcol@unifra.edu.br

³ Orientadora. Docente do Curso de Psicologia - Centro Universitário Franciscano. E-mail: fpjaeger@unifra.br

INTRODUÇÃO

A entrada da criança na escola é marcada por mudanças significativas na dinâmica da família e no seu cotidiano. Desde o momento em que a criança se insere em um ambiente escolar, esta deixa de fazer parte apenas do berço familiar e começa a participar de um novo contexto, carregando consigo tanto os conhecimentos adquiridos rotineiramente quanto aqueles que são primordiais na vida afetiva.

Assim, saber administrar as situações emocionais esperadas na segunda infância às quais o professor pode se deparar pode ser visto como um pilar para o desenvolvimento de atividades escolares, ao passo que a carência de uma educação que atente para estes aspectos na sala de aula pode trazer deficiências para o trabalho pedagógico. Ressalta-se ainda que a entrada na escola é um momento delicado, já que diz respeito ao primeiro distanciamento da família, circunstância em que geralmente a criança não se encontra totalmente preparada.

Tavares (2003) aponta que a criança se sentirá mais segura para buscar conhecimento em outros campos da vida se puder questionar e ser atendida em sua curiosidade. Além do mais, frisa a importância de o professor assistir aos seus alunos, ao passo que compreende seus insucessos, para que assim possa buscar maneiras de incentivar o desenvolvimento das potencialidades que cada um apresenta. Diante disso, a autora chama atenção para o fato de que o aspecto emocional é um ponto essencial para a compreensão do ser humano.

Em suma, o presente artigo se propôs a discorrer acerca da construção do vínculo afetivo na relação entre professor e aluno, bem como sobre a importância dessa relação no desenvolvimento da segunda infância. Visto que, ao considerar estes aspectos, pode-se construir espaços no contexto educacional que favoreça o desenvolvimento pleno da criança.

MATERIAL E MÉTODOS

Neste trabalho utilizou-se uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo. Segundo Gil (2007), a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de materiais já publicados, constituídos à base de livros, periódicos, entre outros materiais. Assim, buscou-se, a partir dos descritores “infância”, “segunda infância” e “relação professor aluno” materiais disponibilizados na Internet com base em dados científicos, como *SciELO*, *PePSIC* e *Google Scholar*, e na biblioteca institucional relacionados aos objetivos do estudo, com data em aberto.

De acordo com Marconi e Lakatos (1996), a pesquisa bibliográfica envolve toda a bibliografia que já foi publicada acerca do tema de estudo. Minayo (2001), apontando que esta forma de pesquisa trabalha com o universo de motivos, crenças, significados, valores, aspirações e atitudes, assim diz respeito a um lugar mais complexo dos processos, das relações e dos fenômenos que não são reduzidos apenas à operacionalização de variáveis, assim sendo, buscando entender sua

totalidade. No entanto, recebe críticas acerca de seu empirismo, pela subjetividade, além do envolvimento emocional do pesquisador.

Para Silva e Menezes (2005), a revisão de literatura colabora na obtenção de informações acerca da situação atual da temática de pesquisa, bem como na apropriação das publicações existentes sobre o tema e os aspectos abordados anteriormente, proporcionando o acesso aos conhecimentos já disponíveis através de diversas fontes de consulta, como livros, artigos científicos, periódicos, etc.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CONSIDERAÇÕES SOBRE A SEGUNDA INFÂNCIA

Papalia, Olds e Feldman (2010) assinalam que o ciclo da vida é dividido em oito períodos: Período Pré-natal, Primeira Infância, Segunda Infância, Terceira Infância, Adolescência, Início da Vida Adulta, Vida Adulta Intermediária e Vida Adulta Tardia. Embora os autores ressaltem que existam diferenças no desenvolvimento de cada período, algumas características são comuns e devem ser atendidas, e também que certas tarefas necessitam ser dominadas durante cada período, para que o desenvolvimento transcorra dentro do esperado.

Na Segunda Infância, período que compreende a criança dos três aos seis anos de idade, Papalia Olds e Feldman (2010) buscam explicitar as características que marcam o desenvolvimento biológico, psicológico e social. Na perspectiva psicossocial, é ressaltada que a compreensão das emoções e a constituição do autoconceito ficam mais complexas, pois neste período ocorre uma maior independência, iniciativa e autocontrole da criança. Ao mesmo tempo, evidencia-se o desenvolvimento da identidade de gênero, momento em que ela passa a reconhecer as diferenças entre as características masculinas e femininas e ocorre o processo de identificação.

Por outro lado, no que tange ao brincar, observa-se que o mesmo se apresenta pautado pela imaginação, mais elaborado e voltado para o social. Assim, a criança passa a desenvolver maior interesse em brincar e estar na companhia de outras crianças. Ao mesmo tempo, ocorrem comportamentos altruístas, agressivos, e maior ocorrência de medos, que passam a ser comuns neste período da vida (MANNING, 1977; PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2010).

Consonante a isso, segundo Erikson (1987) é, aproximadamente dos três aos seis anos de idade, que a criança se depara com o conflito iniciativa *versus* culpa, onde há formação do senso de responsabilidade, já que está a nível físico e mental mais avançada, sendo capaz de iniciar ações, de forma que a criança possui iniciativas e planeja desenvolver atividades, almejando sua autonomia. Contudo, quando não obtém sucesso em suas tarefas ou os pais não favorecem suas iniciativas, em razão de serem repreendidas ou punidas pelos responsáveis, a criança sente-se culpada, o que pode levar à personificação (a criança encapsula seu “eu”).

Desse modo, é no decorrer da segunda infância que a criança desenvolve mais rapidamente novas habilidades técnicas e sociais, começando a descobrir o meio escolar e a constituir grupos de pares. O autor ainda destaca que o tipo de escola, de professor à disposição e as considerações prévias sobre o contexto escolar podem gerar obstáculos para a adaptação da criança (MANNING, 1977).

Quanto à entrada da criança na escola, seu desenvolvimento cognitivo é visto como um fator que merece atenção, uma vez que, dependendo do período em que isto ocorre, a forma como a criança vai enfrentar esta nova condição, bem como as necessidades que ela vai ter, se mostrarão bastante distintas (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2010).

Posto isso, Piaget desenvolve estádios de desenvolvimento cognitivo, considerando que as crianças em torno de dois até seis anos de idade, se encontram no estádio pré-operatório. Nessa fase do desenvolvimento, a capacidade de armazenamento de imagens e palavras se expandem e com isso, é notável o desenvolvimento do vocabulário, compreensão de novas palavras, a atribuição de significados e a representação simbólica (PIAGET; INHELDER, 1993).

Por fim, ressalta-se que a compreensão é considerada, para as crianças durante a segunda infância, a característica mais importante de um docente. Visto que nesta etapa do desenvolvimento humano ocorre a inserção no contexto escolar, é importante atentar para o fato de que as primeiras experiências podem produzir marcas que se mostrarão presentes ao longo do processo de desenvolvimento, tanto como para a futura vida escolar da criança. Então, torna-se primordial compreender os fatores relacionados ao processo, especialmente no que tange a relação professor aluno (MANNING, 1997).

A RELAÇÃO VINCULAR ENTREPROFESSOR-ALUNO

De acordo com Morales (2006), é necessário pensar na classe como um lugar de relação, onde inevitavelmente irá existir uma relação entre professor e aluno. Pensar na sala de aula dessa forma pode abrir um horizonte de possibilidades, principalmente didáticos, pois o modo como acontece a relação professor-aluno pode interferir positivamente tanto no aprendizado do aluno quanto na própria satisfação pessoal e profissional do professor.

Um momento importante desta relação é o primeiro dia de aula, uma vez que as primeiras impressões que ambos, professor e aluno têm, se traduzem em um modo de comunicação que pode ser condicionante, o que irá refletir nas próximas aulas. Posto isso, a tarefa do professor é ajudar os alunos em seu aprendizado, ao buscar sempre o êxito, o que torna a qualidade da relação entre eles determinante para que o objetivo seja alcançado, ou seja, que o processo de aprendizagem se dê de forma plena (MORALES, 2006).

É visto que no contexto escolar a criança alonga seus interesses além do mundo infantil e dos objetos, amplia as possibilidades de relações sociais e gera interações mais variadas com os adultos (BISSOLI, 2005). Consonante, Perez (2011) acentua a necessidade da compreensão das crianças

como atores sociais e da infância como uma categoria social que produz cultura, para que ocorra a construção de práticas, espaços e currículos que sejam adequados a essa etapa de desenvolvimento, um trabalho que envolva múltiplas formas de expressão e de linguagem.

Quanto ao papel do professor, Cerezer (2011) sugere que este deve ocupar o lugar de “professor filtro”, uma vez que concede ao aluno continência. Ao usar a palavra “filtro”, pensa em alguém que transborda afeto amoroso e que, além disso, exerce sua autoridade sem autoritarismo, ao passo que “filtra” os conteúdos afetivos e cognitivos para que o aluno tenha plena condição do viver criativo.

Afinado a tais considerações, Vila (2000, p. 41) nos diz que: “A educação infantil tem três atores: crianças, famílias e profissionais da educação [...]”. Assim, a educação integral da criança se daria por intermédio da colaboração bilateral, entre pais e escola. É necessário que a escola, principalmente nos anos iniciais, aproxime-se da realidade da criança e conceba sua singularidade, já que possui função educativa junto aos pais, bem como a família deve buscar compreender o que acontece dentro da realidade escolar da criança, pois é nítida a importância dos pais no convívio escolar (PEREZ, 2007).

Evalte (2010) acredita que ao tratarmos da relação professor-aluno é importante compreender a relação afetiva a partir da teoria Psicanalítica. Os apontamentos de Freud apontam que as afetividades que ocorrem durante a infância servem de alicerce para nossas relações afetivas posteriores. Alguns estudos psicanalíticos afirmam que a aprendizagem se encontra conectada a curiosidade infantil, visto que esta desperta o desejo do saber (FREUD, 1905/1996; KUPFER, 1989).

A relação transferencial, conceito apreciado pela psicanálise, entendido através do vínculo que se constrói quando uma relação com outra pessoa envolve afetividade, é algo a ser considerado diante do tema em estudo. Com isso, a relação entre professor e aluno é fundamental para gerar a transferência e a formação de vínculos, uma vez que unidos estabelecem uma tríade que pode fazer com que a aprendizagem seja prazerosa, o que preveniria carências futuras (EVALTE, 2010).

A transferência não é um termo exclusivo da Psicanálise, mas refere-se a um fenômeno psíquico definido por Laplanche e Pontalis (1992) como uma repetição dos protótipos infantis vivenciados e deslocados para uma outra figura. Nunes (2004) salienta que o professor é alvo de transferência por parte do educando, assumindo uma posição em substituição as figuras parentais ou pessoas significativas para a criança. Diante disso, para que o estudante possa se colocar num posicionamento em que o desejo de saber se coloque, é importante que o professor consiga equilibrar-se numa posição de sujeito faltante e, ao mesmo tempo, seja representante do conhecimento.

Associado a isso, Almeida (1999) cita Henri Wallon como um importante estudioso acerca do tema, pois contribuiu de forma significativa ao afirmar que a afetividade, o ato motor, a pessoa e o conhecimento encontram-se no mesmo patamar de importância no desenvolvimento da aprendizagem infantil. Nos escritos de Wallon, a afetividade e a inteligência formam um par indivisível na evolução psíquica, já que quando unidas, permitem à criança alcançar níveis de evolução cada vez mais avançados. Assim, propõe que a inteligência, assim como a afetividade, não pode ser vista como pronta ou

imutável, uma vez que evoluem constantemente. Desse modo, ao passo que a criança se desenvolve, a afetividade e a inteligência são constituídas e modificadas (ALMEIDA, 1999).

Ao tratar das relações que ocorrem no meio escolar, é importante atentar para o fato que a escola, por vezes busca uma continuidade da família, uma proximidade com o ambiente familiar e esquece que a única relação que deve prevalecer é a relação professor-aluno. Nessa relação, o professor deve assumir papel de observador, interprete perspicaz, capaz de identificar os impasses que podem vir a se formar na relação professor-aluno, para ter ciência do modo que deve lidar com a série de relações que se formam ao adquirir conhecimento. É visto que a transmissão de conhecimento gera, conseqüentemente, uma interação entre duas pessoas, é em dado momento que nos deparamos com as relações afetivas, pois a relação professor-aluno constrói-se em uma relação de pessoa para pessoa, o que evidencia a presença de afeto (ALMEIDA, 1999).

Por fim, Almeida (1999) salienta que nos anos iniciais as emoções são vistas com mais frequência, o que faz com que o professor tenha um papel relevante no desenvolvimento afetivo da criança. Conclui-se então que a escola deve ser vista como um espaço de educação da criança que deve inquestionavelmente procurar unir a vida afetiva e a vida intelectual.

A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Alicerçado nas concepções de Vygotsky e Wallon, Leite (2006), sugere que as relações que se estabelecem entre o sujeito, o objeto de conhecimento e o agente mediador são, de maneira profunda, afetados pela dimensão afetiva, pois agem produzindo impactos subjetivos no indivíduo. É visto que quando o professor se aproxima do aluno, escuta atentamente e o compreende, os resultados positivos surgem, uma vez que há o fortalecimento do vínculo entre professor e aluno, a fim de promover o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Dessa maneira, é importante que o educador tenha plena ciência da fase de desenvolvimento em que a criança está e as implicações desta para com o ambiente escolar e para com as relações que se formam (LEITE; TASSONI, 2002).

Com isso, a construção de um vínculo afetivo entre o professor e aluno contribui para que ambos alcancem seus objetivos, uma vez que, para a criança, que está nos anos iniciais na escola, o afeto inclui conhecê-la, ouvi-la e admirá-la, o que deve ser incluído no papel do professor. Portanto, é necessário qualificar as relações pessoais, ou seja, o educador deve dedicar tempo à comunicação com os alunos, demonstrando afeto e interesse, na medida em que o aluno é percebido em sua subjetividade, o que, por sua vez, influi no processo de ensino-aprendizagem (LEITE; TASSONI, 2002).

É de grande valia que os educadores sejam dotados de afeto ao atender as crianças, bem como atentando às suas demandas, sejam físicas ou psicossociais. De tal forma, as instituições de educação infantil possuem as funções de cuidar e educar, funções essas que se integram, pois devem estar comprometidas com o desenvolvimento integral da criança, nos aspectos físicos, sociais, afetivos e

intelectuais, concebendo a criança como um ser completo, visando aperfeiçoar o processo de aprendizagem, por intermédio da apropriação de conhecimento pelo aluno (LEITE, 2006).

Assim sendo, o ambiente escolar demanda professores que saibam conceder o direito à criança de se expressar como sujeito. Winnicott (1975) aponta que é preciso que o professor dos anos iniciais seja suficientemente sensível para perceber a criança, ao passo que possibilite o *holding* e a condição de exercer seu próprio eu à criança.

Para Winnicott (1975), o *holding* é pensado em termos de sustentação, ou seja, diz respeito a forma como o bebê é sustentado por sua mãe, ao passo que caracteriza uma experiência física e uma vivência simbólica, onde representa a firmeza com que é amado e desejado como filho. Assim sendo, Winnicott (1975) sugere que o *holding* implica em uma sustentação confiável, advinda de um ambiente facilitador, o que pode ser discutido frente ao processo de ensino-aprendizagem, ao considerar um professor que, para além do cuidador suficientemente bom, proporcione a continuidade-do-ser.

Uma análise do processo de ensino-aprendizagem deve partir do pressuposto de que ambos constituem uma unidade, o que faz com que a relação interpessoal entre professor-aluno se torne elemento fundamental. Posto isso, atenta-se ao fato de que estes atores são concretos e possuem históricos, na medida em que carregam uma bagagem construída a partir dos meios que os envolveram durante seus desenvolvimentos até então (MAHONEY; ALMEIDA, 2005).

Assim sendo, na relação professor-aluno, o professor desempenha o papel de mediador do conhecimento, na medida em que o seu vínculo com o aluno impacta na construção do saber e reflete nas relações aluno-aluno. Para Mahoney e Almeida (2005) o professor é um modelo, seja na forma de relacionar-se, de expressar seus valores, de ouvir, de falar ou de resolver os conflitos, o que, por sua vez, possui influência sobre o discente.

Quanto à dimensão afetiva e a sua influência neste processo, é possível perceber a importância da disposição do professor em oferecer diferentes espaços e situações que visem alcançar todos os alunos. Mahoney e Almeida (2005) sugerem que o docente deve buscar maior participação entre os alunos, bem como se mostrar a fim de atender as constantes questões e indagações destes quando procuram conhecer o mundo exterior.

Na teoria de Wallon, de acordo com Mahoney e Almeida (2005), a afetividade desempenha distintos papéis de acordo com os estágios do desenvolvimento em que a criança se encontra. A etapa dos três aos seis anos, foco de estudo deste artigo, é classificada como personalismo, momento em que a criança busca sentir-se diferente das demais, bem como as do adulto.

Então, neste estágio, o processo de ensino-aprendizagem proporciona as crianças diversas atividades e possibilidades de escolha, na medida em que favorece oportunidades de convivência com crianças de outras idades, o que se faz importante diante do personalismo. Com isso, Mahoney e Almeida (2005) supõem que, do ponto de vista afetivo, é fundamental à criança que o professor a reconheça, perceba e a respeite diante de suas diferenças no que se refere ao crescimento biopsicossocial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É nítido que o cenário educacional carrega consigo várias demandas relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem. Com base nisso, a Psicologia adentrou no espaço escolar e, desde então, vêm apresentando diversas discussões, principalmente a respeito da relação entre professor-aluno. Sendo assim, os estudos estão em constante análise, evolução e adaptação, o que implica que as questões pertinentes a esse artigo não se encerrem, mas sim que estejam em permanente construção.

Contudo, a partir dos autores consultados, nota-se que é necessário que o professor assista aos seus alunos para que possa compreender seus insucessos e auxiliá-los a encontrar formas para desenvolver as potencialidades de cada um. No entanto, para que o processo educacional tenha êxito, é preciso que a criança, os pais e os profissionais da educação estejam implicados e que, de fato, assumam suas responsabilidades frente a aprendizagem.

Dessa forma, é preciso que haja oportunidades afetivas para o desenvolvimento e aprendizado da criança, através de uma aliança entre família e escola. Assim sendo, com base no material examinado, entende-se que nos primeiros anos de vida escolar, toda e qualquer aprendizagem está diretamente ligada a vida afetiva. Posto isso, cabe a escola gerar um ambiente sócio afetivo saudável, o que por consequência ampliaria e fortaleceria esta vida afetiva. Contudo, é necessária a existência de um meio familiar suficientemente bom, que apoie a criança no seu desenvolvimento pessoal, educacional, social e físico.

Embora as discussões disponibilizadas acerca do tema sejam reduzidas, sabe-se que é na Educação Infantil que a criança adquire as suas primeiras experiências escolares e são essas experiências que posteriormente levarão as crianças a sentirem prazer ou desprazer pelo ambiente escolar. Podemos afirmar então que, para que a criança tenha um desenvolvimento adequado e saudável em todos os campos de sua vida, é fundamental que escola e família tornem-se parceiras.

No que tange a relação professor aluno reconhece-se que o vínculo afetivo potencializa consideravelmente o processo de ensino aprendizagem e fica evidente que a afetividade é essencial para o estabelecimento da confiança, segurança e bem-estar da criança no contexto educacional, o que é visto, de forma afinada, nos arquivos pesquisados. Além disso, a experiência neste contexto pode trazer repercussões para a vida da criança, no sentido de contribuir na construção de um processo de desenvolvimento que viabilize a saúde, a felicidade e a plenitude de suas capacidades. Dessa maneira, destaca-se a importância da relação afetiva na vida da criança e a influencia na sua formação escolar, bem como em todos os campos de sua vida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. São Paulo: Papirus, 1999.
- BISSOLI, M. de F. **Educação e desenvolvimento da personalidade da criança: contribuições da teoria histórico-cultural**. 2005. 275f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.
- CEREZER, C. **Autoridade e mal-estar do educador**. São Paulo: Zagodoni, 2011.
- ERIKSON, E. H. **Infância e Sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1987.
- EVALTE, T. T. **Nas entrelinhas da relação professor-aluno: o vínculo afetivo**. 2010. 37f. Monografia (Especialização em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Edição Standard Brasileira, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1905/1996.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- KUPFER, M. C. **Freud e a Educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1989.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LEITE, S. A. da S. (Org.) **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- LEITE, S. A.; TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições de Ensino e a mediação do professor. In: AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. de A. (Org.). **Psicologia e formação docente: desafios e conversa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: **Psicologia da Educação**, v. 20, p. 11-30, 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/SfhvbC>>. Acesso em: 16 abr. 2016.
- MANNING, S. A. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. Traduzido por Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORALES, P. **A relação professor-aluno**: o que é, como se faz. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

NUNES, M. R. M. Psicanálise e educação: pensando a relação professor-aluno a partir do conceito de transferência. **Colóquio do LEPSI IP/FE-USP** [online]. 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/H1INRe>>. Acesso em: 12 maio 2016.

PAPALIA, D.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 10. ed. Porto Alegre: AMGH, 2010.

PEREZ, M. C. A. **Infância, Família e Escola**: práticas educativas e seus efeitos no desempenho escolar de crianças das camadas populares. São Carlos: Suprema editora, 2007.

_____. **Infância e escolarização**: discutindo a relação família, escola e as especificidades da infância na escola. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/>>. Acesso em: 19 set. 2014.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. Lisboa: Edições Asa, 1993.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. 138p. Disponível em: <<https://goo.gl/K4YIFe>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

TAVARES, M. E. B. P. **A professora suficientemente boa**. Londrina: Winnicott - Seminários Brasileiros, 2003.

VILA, I. Aproximación a la educación infantil: características e implicaciones educativas. **Revista Ibero-Americana**, Espanha, n. 22, p. 41-60, 2000. Disponível em: <<https://goo.gl/RkZqIe>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.